


NA PASSARELA NO SAMBA: DIÁLOGOS ENTRE O CARNAVAL E A EDUCAÇÃO¹

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-267>

Data de submissão: 26/02/2025

Data de publicação: 26/03/2025

Edivaldo dos Santos e Silva

Graduação em Pedagogia - CPAN/UFMS
Professor da Rede Municipal de Ensino de Corumbá/MS
E-mail: edivaldo_santos82@hotmail.com

Alexandre Cougo de Cougo

Doutor em Educação Ambiental - PPGEA/FURG
Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campus do Pantanal - CPAN
E-mail: alexandreougo@yahoo.com.br

RESUMO

O seguinte estudo apresenta o processo de desenvolvimento da cultura carnavalesca e suas transformações desde seus primórdios até os dias atuais, buscando uma ligação entre a Educação e o Carnaval. Como mobilização à ação investigativa trazemos o seguinte questionamento: “O que os estudos dizem sobre a relação entre o carnaval e as possibilidades de experiências pedagógicas de seus participantes”? Como objetivo geral almejamos compreender como emergem as questões pedagógicas e formativas nas experiências do carnaval. Por sua vez, como objetivos específicos se estabeleceu estudar possibilidades da educação desde a vivência de organização do carnaval, assim como conhecer diferentes produções acadêmicas construídas a partir da problemática da interrelação entre o carnaval e a educação. Assim, a presente pesquisa se caracteriza por ser uma investigação qualitativa que se utiliza das bases de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que tentou responder ao questionamento inicial elaborado desde as possibilidades de relação entre o carnaval e a educação a partir de uma busca em estudos e escritas desenvolvidos e publicados no sítio eletrônico do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Os resultados obtidos compreenderam que o Carnaval, assim como a Educação, quando em contato com seus participantes sociais se transforma e provoca transformação nos envolvidos. O Carnaval em contato direto com a cultura afro no Brasil se tornou uma fonte de representatividade de um povo, que não tomou para si, mas tornou a cultura do Carnaval cada vez mais plural, e que vem ganhando novos adeptos a cada novo Carnaval. As Escolas de Samba levam práticas educativas às comunidades onde estão estabelecidas e trazem conhecimento de diferentes culturas em seus enredos na forma de música e teatro das alegorias nas avenidas do Brasil. Enfim os agentes do Carnaval aprendem brincando, e na expressão do lúdico transformando vidas.

Palavras-chave: Festa popular. Experiência educativa. Cultura. Formação.

¹ Este artigo foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia Licenciatura, e está disponível no repositório institucional da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. <https://repositorio.ufms.br/>

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa nasceu de uma mobilização pessoal colocada em prática por um dos seus autores, sobretudo iniciando na escrita (auto)biográfica da sua história na relação com o Carnaval e tendo como objetivo aprofundar por meio de um estudo bibliográfico a busca de fundamentos teóricos visando compreender como funciona o processo de criação e transformação do/com o carnaval, na expectativa de encontrar uma ligação ou relações entre os processos educativos e a referida festa popular.

O autor em questão conheceu e vivenciou boa parte da sua vida no ambiente do Carnaval, e exatamente por isso se preocupou em entender como se deu a origem desta cultura e quais as influências que sofreu através do tempo, chegando até as suas manifestações contemporâneas. Da mesma forma, ao perceber a sua caminhada formativa em um curso de Pedagogia, intentou a constituição de um olhar que evocasse não somente a paixão pela cultura carnavalesca, mas uma compreensão política-social-cultural-pedagógica da importância do Carnaval e o que ele provoca na vida das pessoas, percebendo as representatividades expressas nesta festa popular, deveras aos constantes ataques sofridos por parte de uma parcela da sociedade, talvez por trabalhar nas comunidades como fonte de conhecimento, reconhecimento e de lutas de grupos historicamente subalternizados.

Com o seu crescimento e importância cultural e o ganho de um poder político, o Carnaval passou a representar um lugar de leitura e diálogo da realidade, permitindo que o povo compreendesse e expressasse suas diferentes esferas, desde as alegrias às mazelas históricas ou recentes. Talvez por isso tenha se transformado no grito de liberdade e fonte de sabedoria da cultura popular, muitas vezes tocando em temas polêmicos com o objetivo de provocar a reflexão de uma dada mentalidade. Com um efetivo poder de questionamento e transformação, bem como promovendo em seus enredos e festas muita informação, além dos projetos sociais nas comunidades em diferentes lugares do Brasil, podemos dizer que o Carnaval desenvolve um papel pedagógico? É com esta pergunta que caminhamos no desenvolvimento deste estudo.

2 UM PANTANEIRO DO CARNAVAL

O autor que dá o Sul a este texto nasceu e cresceu na cidade de Corumbá, localizada na região oeste do estado de Mato Grosso do Sul, a qual faz fronteira com a vizinha nação Bolívia. Esta é uma cidade que respira intensamente cultura, banhada pelo imenso rio Paraguai², e conhecida como capital

² O Rio Paraguai nasce em Mato Grosso e banha, além do Brasil, outros três países vizinhos: Bolívia, Paraguai e Argentina, desaguando no rio Paraná, na Argentina, e tendo a extensão de 2695 km.

do Pantanal³, sendo a cidade mais antiga deste jovem estado, que é resultado da divisão do estado de Mato Grosso, ocorrida em 1977.

Assumindo as transgressões necessárias às pesquisas que assumem os aportes (auto)biográficos em seus meandros constitutivos, ainda que a biografização não fosse o cerne principal do trabalho, se fez presente no primeiro movimento de contar a vida do autor para que, assim, as leitoras e leitores sentissem e vibrassem um pouco de uma história de pesquisa que se iniciava antes mesmo das primeiras leituras bibliográficas, mas sim na carne e no pulso do humano que respirava carnaval desde muito cedo. Para essa fidelização, trouxemos um trecho da história narrada. Com a palavra, Silva (2024):

Nasci e fui criado nesta terra e, embora já tenha viajado para outros estados e cidades, me sinto como parte da cidade. Por sua vez, o Carnaval sempre esteve presente na minha vida: nascido no dia 23 de fevereiro de 1982, era Carnaval, e minha mãe conta que sentiu as dores e foi de jipe para a maternidade, onde minhas tias - suas irmãs - a acompanharam até o local, todas fantasiadas e com “a cerveja na mente”. Nasci às 18 horas, por meio de uma cesariana. Minha mãe já estava com 6 meses de gestação e o médico resolveu realizar o parto porque ela havia realizado uma operação de laqueadura com dois meses de gestação, sem que soubesse que estava grávida, o que fez com que a gravidez se tornasse de risco. As dores de parto eram frequentes, e com seis meses eu nasci. Após meu nascimento minhas tias me deram um banho de cerveja, em pleno Carnaval. Dali partiram para comemorar o meu nascimento, enquanto eu fiquei ainda alguns meses internado, por ter nascido prematuramente e por que necessitava ganhar peso (havia nascido com apenas 1 quilo e 800 gramas).

Os anos se passaram e logo cresci. Ainda lembro como se fosse hoje, quando eu ia junto da minha mãe para visitar minha tia, prima/irmã do meu pai, criadora e fundadora e até aquele momento presidenta da escola Grêmio Recreativo e Escola de Samba Império do Morro. Isso no ano de 1989, quando a escola tinha 30 anos de sua fundação, sendo até então a agremiação mais antiga em funcionamento na cidade. Lembro que o barracão da escola funcionava na casa da minha tia, localizada na área central da cidade, mais exatamente na esquina da rua Joaquim Murtinho com a Antônio João. A casa vivia lotada de fantasias, onde ela passava dias e dias desmontando as antigas e criando novas, tudo já pensado de acordo com o tema do enredo do próximo carnaval. [...]

Voltando a minha infância para outro fato que me influenciou de certa forma em minha aproximação com o carnaval: o meu tio, irmão da minha mãe, era capoeirista, mestre-sala e carnavalesco, e desfilou por muitos anos na Império. Porém, nos anos próximos ao meu nascimento, ele foi uns dos fundadores de outra agremiação também muito conhecida na cidade, na qual foi dado o nome de Grêmio Recreativo e Escola de Samba Vila Mamona, uma homenagem ao local onde era realizado as rodas de samba. Em casa, quando ia se aproximando o carnaval, já o víamos todo animado na confecção das fantasias que ele iria sair na escola, a qual agora era a do seu coração, com muitos paetês e cores (Silva, 2024, p. 4-5).

O autor narra que muitos anos se passaram e que seu encontro, ou reencontro, com o Carnaval somente aconteceu no ano de 2015, devido a aproximação com um grupo de amigos que praticavam handebol.

³ O Pantanal é conhecido como a maior planície alagada do mundo, localizado na região centro-oeste do Brasil nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além da Bolívia e Paraguai. Considerado o Bioma mais preservado do país, conta com 60% do Pantanal ocupando o território de Corumbá, o que fez com que essa passasse a ser conhecida como capital do Pantanal.

Eram dois grupos, um masculino e outro feminino, mas era um grupo bastante unido. Uma das participantes anunciou que estaria vendendo cachorro-quente em sua casa em uma sexta-feira à noite, e então marcamos de ir ao local para prestigiar. Ao chegarmos lá estava ocorrendo um ensaio da escola de samba que pertencia à família dela. Era uma escola nova, com 6 anos de fundação, com o nome Grêmio Recreativo e Escola de Samba Caprichosos de Corumbá.

Foi algo que não estava esperando e iniciamos uma amizade. Me senti bem acolhido e então comecei a frequentar o barracão da escola. Com o passar dos dias já estava ajudando, praticamente morando na escola de samba; me sentia em casa e já estava ajudando a fazer as fantasias e logo estava contribuindo com ideias e sugestões. Fui convidado a sair como diretor, sendo que o enredo neste ano foram as festas regionais. No carnaval seguinte já fui chamado a participar. Logo teve uma nova eleição e entrei na chapa única para ser o primeiro tesoureiro, no qual eu era responsável na gestão dos recursos da escola para o carnaval” (Silva, 2024, p. 5).

O autor relata que esteve por três anos na presidência, trabalhando diferentes enredos. Também foi nesse período que ingressou no Curso Normal Médio, sendo esse o seu primeiro contato com a formação de professores. Neste novo contexto também nasce uma nova paixão: a educação. Exatamente por isso, tão logo concluiu o Curso Normal Médio, ingressa no Curso de Pedagogia do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, realizando seu sonho de estudar em uma universidade pública. Ao mesmo tempo, o carnaval continua compondo o ritmo da sua vida, no trabalho que desenvolvia na diretoria da escola de samba. Novas escolas surgiram em sua história e outras experiências também se fizeram.

“O carnaval ajudou a me modificar como pessoa. Sou católico, inclusive tendo sido catequista, e as escolas de samba são uma mistura de religiões, com o catolicismo, o espiritismo, a umbanda e o candomblé, onde o assunto religião nem entra em pauta, e sim a união, o carnaval, a música e a alegria. O que o mundo poderia aprender com isso, onde todos trabalham juntos, não concordam em tudo, compartilham da mesma refeição, sem luxo pessoal, por que o luxo e o capricho estão nas fantasias? O que eu levo para minha vida agora como futuro professor? Qual influência o carnaval trouxe para minha vida? Como vou trabalhar com meus alunos para que eles se respeitem, entendam as diferenças entre eles e o que os torna únicos e especiais, onde com um bom aprendizado consigam fazer a diferença na própria vida e das outras pessoas?” (Silva, 2024, p. 6-7).

O carnaval e a educação se alinhavaram na vida do autor, e potencializaram as reflexões emergentes. Ainda assim, havia presente o pensamento chave de Brandão (2008, p. 164), “Educação não muda o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.” As pessoas continuavam a ser a semente do fluxo carnaval-educação, e projetando compreender este movimento, esta pesquisa nasceu. Era latente para a constituição pessoal e profissional e pessoal do pesquisador, e aqui também se insere os pesquisadores que posteriormente vem participar das contribuições da pesquisa, compreender se a vivência dentro desses espaços contribuiu para a formação, para as escolhas, e se sim, como através desse estudo também é possível estar ajudando de alguma forma outras pessoas a compreenderem o real significado e importância das escolas de samba e desta festa popular na

formação e subsistência das comunidades onde estão inseridas. Sendo assim, trazemos o seguinte questionamento para melhor compreender o papel do carnaval: “O que os estudos dizem sobre a relação entre o carnaval e as possibilidades de experiências pedagógicas de seus participantes”?

Para chegar as respostas desse questionamento foi traçado como objetivo geral compreender como emergem as questões pedagógicas e formativas nas experiências do carnaval. Por sua vez, como objetivos específicos se estabeleceu estudar possibilidades da educação desde a vivência de organização do carnaval, assim como conhecer diferentes produções acadêmicas construídas a partir da problemática da interrelação entre o carnaval e a educação.

Nos próximos movimentos deste estudo serão apresentados, primeiramente, o contexto histórico que define o carnaval enquanto festa popular, sua origem e sua presença no Brasil e em Corumbá. Posteriormente, serão apresentadas as pesquisas encontradas a partir do trabalho metodológico de busca pelo conhecimento e, por fim, serão dialogadas algumas considerações finais.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DO CARNAVAL

3.1 A ORIGEM NO MUNDO

Há relatos de historiadores que indicam que os primeiros festejos de carnaval tenham se iniciado há 10.000 anos ou há aproximadamente 4.000 anos. Segundo Eneida de Moraes (1987, p.14) citada por Moroni (2011p.15) aponta que para alguns

[...] as origens do carnaval são encontradas uns 10.000 anos antes de Cristo, isto através de culto agrário que era praticado por homens e mulheres, estes com as caras escurecidas e cobertos de peles ou plumas. Para outros, ainda conforme a autora, o carnaval teria nascido nas festas pagãs como a de Isis e do boi Apis entre os egípcios e para outra corrente a origem do carnaval encontrar-se-ia nos bacanaís, Lupercaís e saturnais de Roma.

Entre os romanos, em 15 de fevereiro na Roma antiga, as dionisíacas realizavam-se com danças e festas em homenagem ao deus Dionísio e festa em honra a Baco, deus do vinho. Já entre os gregos as festas recebiam o nome de Lupercaís, pois homenageavam o deus Lupércio ou Pã, protetor dos pastores e dos rebanhos.

Mourão (2006) citado por Moroni (2011 p.16) relata que os romanos, nas calendas (nos primeiros dias) de janeiro, após o início do Ano Novo, comemoravam as saturnais, festividades instituídas por Janus em memória do deus Saturno, que, pela lenda, teria transmitido a arte da agricultura aos italianos, com seu início histórico de 217 a.c. Nestas festas acontecia a inversão de papéis onde o patrão ocupava o lugar dos escravos, que nessa ocasião se sentavam à mesa e eram servidos pelos patrões, e assim comiam e bebiam. As cidades eram tomadas pelas festas dos escravos

que aproveitam o dia de liberdade. Aqueles que se sentiam incomodados com a festa dos escravos partiam para suas fazendas até acabarem os dias de festas. Com o passar do tempo, as práticas foram se modernizando, e os festeiros adotando o uso de máscaras, música e dança, e com o tempo a igreja se viu obrigada a adotar as festividades do Carnaval no seu calendário (Moroni 2011).

3.2 O CARNAVAL E SUA CHEGADA AO BRASIL

O Carnaval é a maior manifestação cultural do Brasil, ao se tratar de festa popular. No Brasil o Carnaval se originou de costumes trazidos pelos portugueses que nada se parece com a festa que conhecemos hoje. Segundo Martinho, Prudente, Silva (2020, p. 316), pelas narrativas de viajantes e artistas, foi constatada inequívoca violência presente nas festas de carnaval de importantes famílias tradicionais.

O início do carnaval no Brasil, ao estilo europeu, não era nada popular e sim algo para poucos, ainda era algo que não tinha chegado às cidades, era comemorado em fazendas, onde ocorria todo tipo de atrocidade. Segundo Martinho, Prudente, Silva (2020 p. 316),

[...] nas festas dos sobrados as moças recatadas de famílias tradicionais recepcionavam os jovens visitantes, que eram recebidos com atrocidade, pois atiravam água suja, artefatos domésticos, garrafas, vasos e até calçados, que provocavam também graves constrangimentos físicos nos convidados.

Notamos que os costumes trazidos da Europa se tratavam de algo desumano e desrespeitoso aos convidados, sobretudo por se tratar de famílias tradicionais onde a etiqueta era algo muito importante. Martinho, Prudente, Silva (2020) afirmam que as principais vítimas dessa festividade foram os escravos, na condição de participante compulsório, vivendo toda sorte de investidas por parte das senhoritas de família. Esses fatos ocorreram no século XIX, onde as festas carnavalescas eram somente para famílias que tinham posses e, segundo Souza (2017) citado por Martinho, Prudente, Silva (2020),

[...] no século XIX, com a chegada da missão francesa, influenciando o nôm da família patriarcal, cujo tradicionalismo de personalidade vai abrindo espaço para relações trazendo ações de mais racionalidade e da individualidade europeia moderna, que se impõe com a presença da família real Portuguesa e a sua corte no Brasil.

Deste modo as festas não cessaram e sim foram se modificando, trazendo mais significado de festividade do que os atos de humilhação social como vinham ocorrendo. Os atos de agressividade não acabaram, mas sim foram modificados, por exemplo, nas festas de salões o arsenal agora foi substituído por confetes e serpentinas. Os autores ainda destacam que o carnaval no Brasil encontrou

no estilo de vida dos escravos africanos um fator de humanização, considerando a organização sociocultural com base no samba que configurou em diferentes manifestações (Martinho, Prudente, Silva 2020).

Com o passar do tempo o carnaval se transformou como a própria identidade de um povo que, com sua alegria, fez o carnaval do Brasil como algo único no mundo, na luta pela sua liberdade contra os abusos praticados contra os escravos, uma luta que se mistura nos cantos praticados nos morros e nas escolas de samba, que surgem como representação concreta dos seus anseios sociais, históricos e culturais.

A escola de samba trouxe a corporalidade musical do povo negro, resultado das comunais de solidariedade gregária dos rituais de matriz africana. A força da religião afro no Brasil surge como sinônimo da força de um povo que foi escravizado e tirado do seu país, sem expectativa de volta à mãe África. Esse mesmo povo produz no Brasil, através da preservação da sua cultura, uma oportunidade de escrever sua própria história.

Desse modo, o apelo popular do carnaval é resultado da presença negra dos folguedos das escolas de samba e do maracatu, dada a essência gregária de ritualidade lúdico comunal, e se estabelece como possibilidade de pertencimento miscigênico (Prudente, 2019b, parafraseado por Martinho, Prudente, Silva, 2020, p. 317).

Nota-se que com o passar dos anos o Carnaval foi ganhando mais força e adquirindo sua identidade, através da junção da cultura afro com a festa Carnavalesca, tornando-o mais belo, com mais diversidade e vem ganhando mais adeptos de diferentes movimentos, mas a sua raiz hoje está clara e firme na cultura e na alegria do povo africano que fez o Brasil como sua nova casa.

Agora conhecendo um pouco mais da história do Carnaval no Brasil conseguimos notar uma mudança, uma reformulação da festa. No Brasil foi reinventada uma forma mais plural de fazer Carnaval, sendo acrescentadas múltiplas formas de expressá-lo e vivê-lo, com fortes marcas da diversidade cultural brasileira. Assim, conhecendo um pouco mais da história do Carnaval, podemos problematizar a ressignificação construída pelo povo africano no Brasil e a sua participação na transformação do Carnaval. A dança dos terreiros, os batuques dos tambores e as histórias da mãe África foram se juntando e transformando o Carnaval, que era um ato de segregação racial, em momento de manifestação e expressão dos seus anseios sociais através da cultura do Carnaval.

3.3 O CARNAVAL DE CORUMBÁ

Por volta da década de 1920 o Carnaval se tornou prática cultural sistemática na cidade de Corumbá. Segundo Nachif e Alves (2018 p.291), o

[...] festejo tinha a duração de três dias e dele participaram 200 turistas e 9.500 habitantes. Os foliões jogavam água na população pacata que aderiu à brincadeira. Nesses três dias, os participantes faziam críticas sociais, em tom de brincadeira, ao passo que nos bailes carnavalescos danças típicas, tal como a quadrilha, eram executadas. Em acordo com o padrão cultural da festa brasileira, o carnaval corumbaense também cultivava o panorama elegante das cadeiras nas calçadas para que as damas assistissem ao corso.

O tempo passou e novos elementos foram se juntando e tornando a festa cada vez mais atrativa. Sendo ainda uma novidade na cultura local o carnaval chegou trazendo mudanças em uma época em que tudo ainda era de se estranhar por se tratar de uma cidade pequena.

Em 1927, filhos de fazendeiros, mais tarde, começaram a exibir seus automóveis, cantando as marchinhas carnavalescas nacionais dos anos anteriores, atirando serpentina, confete e lança-perfume. Inúmeras eram as marchas carnavalescas que ritmavam o carnaval em Corumbá. Temas como a exaltação do Rio Paraguai, da própria cidade, do povo e da Marinha, que ali tem uma base fluvial, animavam a festa (Nachif e Alves, 2018, p.291).

Os desfiles de carros ocorrem até os dias atuais na cidade de Corumbá, sendo hoje realizado por carros antigos, fazendo marco a esses fatos históricos. Por sua vez os lançamentos de perfumes foram proibidos por causar inúmeros acidentes com foliões. “Na década de 1940, os avanços carnavalescos e os bailes nas casas das famílias e nos clubes concorreram para a aparição dos personagens Rei Momo e Rainha. Nas ruas, os desfiles, os novos blocos e as batalhas de confetes prosperavam” (Nachif e Alves, 2018, p.292).

As tradições do Rei Momo retratam uma tradição dos primeiros Carnavais do Mundo, onde durante os festejos de Carnaval os papéis eram invertidos, em alguém do povo tomava o lugar das autoridades. Assim, de forma simbólica, o Rei Momo recebe as chaves da cidade da maior autoridade presente para comandar a festa.

Em Corumbá, no movimento efervescente de 1946, surgiu a primeira Escola de Samba, denominada “Deixa Falar”, fruto da presença de marinheiros foliões cariocas, vinculados ao 6º Distrito Naval da Marinha do Brasil. Instaurado o modelo carioca, as fantasias de maior grandeza, a participação popular nas alas dos desfiles das escolas e os carros alegóricos mais elaborados chamaram a atenção de repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro, em especial no que se refere ao “Enterro dos Ossos”, a brincadeira do dia seguinte (domingo) do carnaval oficial (Nachif e Alves, 2018 p.292).

Nos desfiles atuais, durante as festividades carnavalescas, exatamente na terça de Carnaval um bloco de pessoas vestidas de marinheiros desce a avenida para comemorar esse novo marco do Carnaval de Corumbá, cantando o presente sem esquecer do passado.

No ano de 1985, a fauna e a flora pantaneira foram exaltadas nos desfiles das escolas de samba em Corumbá. Nos enredos das escolas de samba, nos carros alegóricos e nos adereços usados no desfile festivo, o Pantanal foi cantado como símbolo de qualidade ambiental. Essa tendência se difundiu e continua sendo reiterada. Os símbolos locais têm sido exibidos nas fantasias (Nachif e Alves, 2018 p.295).

Nos anos de 1990, as escolas de samba desciam a avenida com seus carros alegóricos (na época ainda eram caminhões todos decorados), com alguns foliões vindo em cima sambando. Mas as fantasias das alas já eram bem elaboradas. Na época não havia muitas escolas de samba e o desfile terminava um pouco mais cedo. Naquele momento o ponto alto da festa ainda era nos clubes, sendo que os mais frequentados eram o clube Noroeste e o clube Riachuelo, os dois localizados no alto da Rua Frei Mariano.

No ano de 1992 o carnaval de Corumbá ganhou ares de carnaval Baiano, uma vez que os bailes, agora populares, passaram a acontecer na Praça Generoso Ponce, onde era montado um palco para que as bandas locais e nacionais animassem a folia logo após os desfiles das escolas de samba. As festas em clubes foram se acabando a cada ano que se passava. A banda que durante muitos anos fez sucesso na cidade durante os dias de carnaval se chamava MBW. Os caminhões do Corpo de Bombeiros jogavam água nos foliões durante a festa que ia até o amanhecer. Porém, com o desaparecimento dos bailes nos clubes, surgiram os blocos não oficiais, que até os dias atuais realizam o carnaval em locais distantes da Avenida (passarela do samba corumbaense) com uso de abadás, trios elétricos e espaços fechados (adquiridos mediante compra de ingressos) para seus foliões.

Em 2002, o carnaval parecia “perto do fim”, com apenas duas Escolas de Samba, Mamona e Pesada. A “baianização”, termo usado para se referir a adesão ao modelo de carnaval da Bahia, impunha a utilização de um trio elétrico que subia e descia a Avenida Frei Mariano, no centro de Corumbá (Nachif e Alves, 2018 p.296).

No ano seguinte, 2003, com o apoio do governo federal, investiu-se na organização estrutural da passarela do samba, dando mais suporte ao poder público que adquiriu arquibancadas e com melhoria na sonorização. Naquele momento com recursos financeiros, instrumentos novos também foram adquiridos pelas escolas de samba. Surgiram novas escolas, algumas que naquele momento ainda eram pequenos blocos aceitaram o desafio e se tornaram escolas, algumas escolas que haviam desaparecido do Carnaval retornaram com apoio do poder público assim intensificando a disputa entre elas, elevando o profissionalismo entre os carnavalescos e, sobretudo, aumentando a oferta de trabalho, e elevando o nome do Carnaval de Corumbá a se consolidar como o maior da Região Centro-Oeste Brasileira (Nachif e Alves, 2018).

Mas foi entre 2014 e 2015 que o carnaval se consolidou. A celebração da festa durante sete dias, com aproximadamente 45 mil turistas somados aos 110 mil habitantes, promoveu a dinamização dos setores de comércio e serviços e a afirmação da indústria cultural no evento. O carnaval em Corumbá vem se revelando prática cultural dinâmica, aberta às influências externas, em especial do que emana do Rio de Janeiro. Conta, para tanto, com o apoio dos atores sociais envolvidos na festa (Nachif e Alves, 2018, p. 297).

As escolas foram se adaptando, em conjunto, e para manter a cultura do Carnaval de Corumbá viva foram recebendo de bom grado as iniciativas do poder público. Logo no início, lá nos primeiros desfiles, proporcionavam união entre todas as agremiações. O evento sempre foi bem-organizado e contando com uma grande participação da população corumbaense. Um momento que ficou marcado como o ressurgimento do Carnaval de Corumbá foi a intervenção do governo federal, através do Presidente Luiz Inacio Lula da Silva, que no logo no seu primeiro mandato priorizou o incentivo à cultura.

O Carnaval de Corumbá possui atualmente 10 escolas de samba. São elas: Grêmio Recreativo e Escola de Samba A Pesada, com sua sede localizada na região Central, na Ladeira Cunha e Cruz; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Pantanal está localizada na entrada do Bairro Aeroporto; Grêmio Recreativo e Escola de Samba Caprichosos de Corumbá, que tem como sede a rua General Rondon, no Bairro Dom Bosco; já a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Estação Primeira do Pantanal está localizada no Bairro Maria Leite; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Imperatriz Corumbaense tem sua localização no Bairro Aeroporto, aos fundos na Rua República do Paraguai; Grêmio Recreativo e Escola de Samba Império do Morro, que hoje está sem uma sede oficial; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Marquês de Sapucaí está localizada no Bairro Dom Bosco, na Rua Marechal Floriano; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Mocidade Independente da Nova Corumbá, que é a única Agremiação da Zona Sul, no Bairro da Nova Corumbá; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos da Major Gama, que como o próprio nome já diz está localizada na Rua Major Gama, próximo aos trilhos da ferrovia; e por fim a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos da Vila Mamona, que está localizada no Bairro Universitário, na Rua Rio Branco. O carnaval corumbaense é organizado pela Liga Independente das Escolas de Samba de Corumbá (LIESCO), sendo que as dez escolas estão localizadas em diferentes comunidades da cidade, levando e promovendo cultura e informação.

As relações que envolvem o Carnaval e a cidade de Corumbá são intensas e refletem no movimento de constituição deste estudo, desde a justificativa, passando por seus objetivos e contribuindo na leitura crítica e analítica que se faz. Na próxima secção do texto serão dialogados os caminhos metodológicos percorridos para a obtenção dos possíveis movimentos compreensivos destacados.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS E INTERPRETATIVOS

A presente pesquisa se caracteriza por ser uma investigação qualitativa que se utiliza, inicialmente, de uma narrativa (auto)biográfica de um dos autores, o qual possui um envolvimento longo com a cultura carnavalesca, bem como depois parta para um trabalho desde as bases de uma pesquisa bibliográfica. Na elaboração da narrativa de vida, o narrador caminhou como nos passos ensinados por Josso (2004, p. 60):

Elaborar a sua narrativa de vida e a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que torna-se autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectivação dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade. Porque o processo auto-reflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de auto-interpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizadas pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva da sua subjetividade.

Na perspectiva do alinhavo de construção dos dados bibliográficos e para compreender melhor como foi realizada esta pesquisa podemos citar, segundo Pizzani et al. (2012, p. 54), citado por Brito, De Oliveira, Silva (2021 p.6) que “[...] a revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico e o levantamento bibliográfico pode ser realizado [...] em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes”. Desta forma realizamos nossa busca destacando que, mesmo com algumas informações sobre a experiência do Carnaval, necessitávamos de algo que pudesse fazer sentido ao processo de compreensão da festa popular em diálogo com a educação, e foi através da pesquisa bibliográfica e realizando as leituras que se começou a constituir uma outra apropriação compreensiva. Trago também a escrita de Gil (1999, p. 65) citado por Brito, De Oliveira, Silva (2021 p.7) que

[...] explicita que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de permitir [...] ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Isso facilitará a vida do pesquisador quando tiver que lidar com um problema de pesquisa que enfatiza determinadas informações e dados que se encontram muitas vezes dispersos ou fragmentados.

Com os dados em mãos, artigos selecionados, surgiram algumas dúvidas, pois inicialmente não sabia-se ao certo por onde começar. Porém, os autores Deslandes, Gomes, Minayo (2009) deixam tudo mais claro quando dizem que a metodologia não se trata somente de técnicas, e sim um conjunto entre a teoria, a realidade empírica e o pensamento desta realidade.

Juntando todas essas informações retoma-se o intento em responder ao questionamento inicial elaborado desde as possibilidades de relação entre o carnaval e a educação a partir de uma busca em estudos e escritas desenvolvidos e publicados no sítio eletrônico do Portal de Periódicos da Capes - <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?> .

Esta pesquisa se desenvolveu com a utilização de algumas expressões combinadas, porém o estudo e diálogo de compreensão contido neste trabalho está concentrado na opção de busca que se refere às expressões combinadas “carnaval” e “educação”. Com a realização desta busca foram encontrados 46 textos, sendo que entre estes emergiram algumas repetições e, deste total e alicerçado em uma leitura particularizada de cada um dos resumos, títulos e palavras-chave, foram selecionados inicialmente 7 textos que expressavam a relação com o tema diretamente proposto neste trabalho. Porém 1 dos textos foi descartado por se tratar de uma tese de doutorado, restando assim 6 textos para a análise que será apresentada abaixo.

Textos encontrados e analisados neste estudo

ANO	AUTORES	TÍTULO	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO
2019	Patrícia de Moraes LIMA, Fabiana DUARTE	As Crianças na Escola de Samba: O saber-fazer da Etnografia em contextos locais de Educação	ZERO-A -SEIS
2020	Jusciele Conceição Almeida de OLIVEIRA, Simone de Jesus SANTOS	Negros Saberes em Festa: Alê Aiyê e Olodum e suas transformações	EXTRAPRESA Cultura e Comunicação na América Latina
2020	Fabricio Romani GOMES	A História que (quase) ninguém conta: as/os dissidentes do heteroCistema na Educação e nas passarelas do samba	PERIODICUS
2020	Ana Lucia da SILVA, Tereza Kazuko TERUYA	Descolonizando o currículo escolar e o ensino de história: Agudas, os retornados a África	ODEERE Revista do Programa de Pós-graduação em relações étnica e contemporaneidade
2022	Clark MANGABEIRA, Helenise Monteiro GUIMARÃES	Aquelas belas vidas que desfilamos: biografias, Escolas de Samba e propostas culturais	Revista caminhos da Educação diálogos, cultura e diversidade
2023	Jose Walter Silva e SILVA, Jason Ferreira MAFRA	Apontamentos sobre a Epistemologia circular dos blocos Afro carnavalescos de Salvador	ECCOS Revista Científica

Fonte: Autor 1 do presente artigo

Através de uma pesquisa realizada em Florianópolis/SC, visitando um projeto de uma escola de samba da comunidade Morro da Caixa, durante o período de 3 anos (2016, 2017, 2018), os autores fizeram o acompanhamento de um projeto que formava jovens casais mirins de mestre-sala e porta-bandeira. Os pesquisadores Lima e Duarte (2019) buscaram aprofundar seus estudos voltados à visão de infância no contexto do carnaval, nesse mundo de transformação onde a cultura emerge como forma de educação. Para Lima e Duarte (2019 p.279), “[...] pensando a infância por outros lugares, em outros

contextos sociais e culturais, buscando compreender a metodologia utilizada na construção dos saberes locais sobre a criança”.

Conforme relatos dos autores, durante os ensaios não conseguiam realizar uma comunicação verbal com as crianças pesquisadas, uma vez que por se tratar de escola de samba os ensaios eram realizados com o som ligado com volume bem elevado. Durante as visitas seguintes foi observado que existiam uma forma de comunicação entre os coordenadores do projeto e as crianças, sendo que a comunicação se dava muito intensamente através do olhar, no uso da expressão corporal, comandados por gestos de seus coordenadores. Enfim, a comunicação se fazia presente de uma forma intensa pela corporeidade, e assim os pesquisadores conseguiram compreender a dinâmica utilizada (Lima, Duarte, 2019). “Considerar as crianças do Morro da Caixa como atores sociais, implica no reconhecimento da capacidade de produção simbólica e as constituições das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas infantis” (Lima, Duarte, 2019, p. 291).

Assim podemos compreender as constituições de conhecimento em uma comunidade, bem como sobre o lugar da criança na tradição carnavalesca e da cultura negra. A educação se fez presente no contexto infantil trazendo a representatividade da cultura negra, no ensino e aprendizagem da dança como expressão e cultura de um povo, na dedicação dos coordenadores desenvolvendo um método para onde junto com as crianças consigam compreender e desenvolver formas de comunicação.

Por sua vez, no texto construído por Oliveira e Santos (2020), apresenta-se a importância dos blocos Alê Aiyê e Olodum para o carnaval de Salvador - BA, e o quanto estes vem transformando vidas através de seus projetos sociais e reforçando a importância da preservação da identidade negra. Nas palavras de Oliveira e Santos (2020 p.298) “[...] pode-se vivenciar atividades que se estendem e lhes são vivenciadas para além desse período, como propõe os blocos Afro nos seus projetos educacionais, artísticos, sociais, culturais e políticos”.

Foi possível perceber que, apesar de se tratar de blocos de carnaval, eles carregam uma infinidade de fatores e compromissos onde com seu trabalho sociocultural transformam a vida da comunidade onde estão inseridos e trabalham firmemente na valorização e preservação da cultura negra num cenário de festa com muita responsabilidade cultural. Podemos entender o carnaval como um lugar de repensar comportamentos discriminatórios, excludentes, por meio da contestação por maior respeito à diversidade. “Enfim, como lugar de educação, que é deixado de lado pela indústria cultural, pela mídia, que hierarquizam, criando um único modelo, padrão de beleza do carnaval” (Oliveira, Santos, 2020, p. 300).

Nessa mistura que é o ambiente dentro das comunidades, de acolhimento e respeito, podemos apreender que todos temos o direito de viver e ser feliz sem a necessidade de agredir ou querer ser

superior ao outro. Os presidentes das agremiações carregam com eles a responsabilidade de unir a comunidade deixando sempre exposto que o único debate permitido é pela melhoria da comunidade, preservando sempre o ambiente de harmonia. Vemos que a Escola criada pelo bloco Olodum é uma importante mobilização educativa de negros e negras, trazendo a esses jovens a importância de se reconhecer como negro numa sociedade onde estes são marginalizados pelo simples fato de ser quem são: pessoas pretas. O bloco Olodum elaborou um material em quadrinhos de fácil aceitação das crianças e adolescentes, através de parcerias viabilizando as questões étnicas (Oliveira, Santos, 2020).

Seguindo o mesmo raciocínio, Oliveira e Santos (2020) reforçam que as cartilhas em quadrinhos vêm em forma de música ensinar que a discriminação pode ser enfrentada com a afirmação identitária que se transforma em autoestima. Mesmo sabendo que o desafio ainda é grande por se tratar do Brasil, um país que ainda possui uma dívida social imensa, onde muitos não sabem, reconhecem e não querem falar sobre direitos e igualdade, mas que através do carnaval e dos seus movimentos segue-se fazendo a transformação de vidas.

Fabricio Romani Gomes (2020) traz um estudo realizado no ano de 2020, voltado a um contexto histórico, onde resolveu pesquisar enredos de escolas de samba de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, sendo que esse estudo foi realizado em Porto Alegre com alunos da educação básica. Gomes (2020, p. 228) trouxe o seguinte questionamento: “onde se aprende sobre história de homossexuais, bissexuais e transsexuais, entre outras possibilidades em relação a sexualidade de gênero?” Com a perspectiva de trabalhar a discriminação social que ocorre na sociedade, Gomes (2020) buscou o enredo como o da escola de samba Mangueira, do carnaval de 2019, onde a agremiação fez uma homenagem a Marielle Franco, mulher, negra, homossexual, e vereadora que foi assassinada no Rio de Janeiro.

Ao estudar o enredo, os alunos, segundo Gomes (2020, p.229), chegaram a fazer referências ao regime nazista de Hitler, fazendo essas ligações do ontem com o hoje através dos estudos realizados com os enredos, tensionando uma transformação no modo de ver e viver a história. Neste movimento de estudos o autor afirma que foram trabalhados diversos temas a partir dos enredos. Gomes (2020, p.242) diz que as escolas de samba têm noção de estar tocando em temas delicados e que, “[...]ao estudar história através dos enredos nas salas de aula, parece que podemos avançar no resgate da história que podem empoderar, humanizar e reparar a dignidade despedaçada dos desobedientes do chamado heteroCistema” (Gomes, 2020, p. 245).

Esse estudo surgiu como uma alternativa, como Gomes (2020, p.246) diz que precisamos fazer algo, pois essas páginas ausentes da história do Brasil precisam se fazer presente, mesmo se manchadas de sangue. Isso trazendo, contudo, a importância desse movimento que as escolas de

samba realizam no contexto do carnaval, mostrando que não é só a beleza, o luxo e a festa e sim tudo isso junto com o objetivo de trazer informação e de ter coragem em tocar em temas que muitos não querem nem saber ou tem medo de dizer. Assim, é o carnaval fazendo e trazendo informação, realizando mudanças de atitudes e transformando comunidades, mesmo muitas vezes sendo uma festa onde quem mais pode participar são as pessoas com maior poder aquisitivo (de consumo). Neste sentido, o carnaval dá seu grito de liberdade através de enredos pensados e trabalhados nas comunidades.

Em sua obra, os autores Ana Lucia da Silva e Teresa Kazuko Teruya (2020) trazem o uso da pedagogia cultural como um caminho possível para combater os estereótipos que desqualificam o povo negro e seus descendentes e somente através da educação é possível combater e desconstruir. Para as autoras, “A cultura popular negra é um local por excelência de contestação estratégica e traz à tona elementos de discurso que é diferente, ou seja, formas de vida, outras tradições de representações” (Da Silva, Teruya, 2020, p.42).

Essas representações se tratam da cultura do carnaval onde o grito dos excluídos acontece na avenida onde as escolas relatam a história de luta do povo negro crua e dura embutida nas letras e melodias do samba enredo. Com isso as autoras trazem para estudo o samba enredo do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos da Tijuca (2003), escola que pertence ao Grupo Especial das Escolas do Rio de Janeiro. Segundo (Da Silva, Teruya 2020 p.51)

As pedagogias culturais estão fora dos muros das instituições escolares, ou seja, ocorrem em diferentes espaços da vida social, por exemplo: nas escolas de samba com seus sambas enredo e enredos apresentados na festa do carnaval e na mídia. Por isso, a noção de pedagogia além do espaço de sala de aula, dos muros da escola, é muito potente.

Conforme as autoras (2020), ao pensar em pedagogia já pensamos em formas de educação e ensino, e trazer isso para o carnaval onde encontramos diferentes grupos de pessoas com diferentes formas de pensar e agir na sociedade, relaciona-se com o verdadeiro papel da pedagogia, onde na escola nos ensinam diversas formas de pensar e agir na sociedade, modos de ver, de ser e de viver no mundo, e assim em conjunto podemos produzir nossas representações. Mas, nesse caso em especial, no Carnaval, através da música como instrumento poderoso de contestação, trazendo as lutas sociais de um povo na melodia. “Havia um ideal de branqueamento e a esperança de desaparecimento dos não brancos, povos negros e pardos eram conhecidos como inferiores” (Da Silva, Teruya, 2020, p. 45).

Por isso podemos destacar que além de importantes os enredos carregam consigo a luta pela conscientização da sociedade em geral, reconhecendo que existiu e ainda existe diferentes formas de

discriminação no Brasil. “[...] os sambas enredos, produzem representações, significados e sentidos acerca dos temas que versam e difundem a pedagogia cultural” (Da Silva, Teruya, 2020, p. 54).

Por sua vez, os autores Mangabeira e Guimarães (2022) trazem um estudo que foi realizado no ano de 2022, onde relatam todo o processo de elaboração e construção de um samba enredo de uma escola de samba do carnaval do Rio de Janeiro. Para Mangabeira e Guimarães (2022, p.2) as escolas de samba

[...] se desdobram em possibilidades educacionais em sentido amplo: é uma festa que forma e informa, que contesta, que debate temas sociais e, de maneira artística, apresenta-se ao público, com música, danças, cores, texturas e dinâmicas que condensam perspectivas contrastantes e/ou complementares sobre o Brasil e o mundo.

Dessa aproximação entre a educação no espaço do carnaval, em relação a construção dos sambas enredos, podemos destacar sobretudo a partir do olhar curioso e experiente de um dos autores deste texto, que as escolas de samba iniciam o processo pela escolha de um tema e elaboração de um enredo que será levado à Avenida. Já o samba vem depois dessa fase, pois após a escolha do tema são levantados dados do enredo, onde são realizadas pesquisas bibliográficas e empíricas do tema escolhido, visitas ao local a ser homenageado, bem como são colhidos depoimentos de pessoas da região, são colhidos materiais históricos, como fotos antigas de lugares e pessoas que tiveram alguma influência histórica, para que tudo se aproxime ao máximo da realidade vivida pelos responsáveis na elaboração do enredo. Mangabeira e Guimarães (2022, p.11) trazem que

[...] as escolas de samba ensinam principalmente, portanto, a potência da carnavalização. Através dela, realidades aparecem e surge possíveis novas vidas culturais. O conhecimento e a prática educativa daí derivados não se centram apenas em uma racionalidade pretensamente universal, mas nos saberes múltiplos que perpassam o fazer carnavalesco; O resultado e a carnavalização a cultura e o desdobramento político e educativo resumido na efetivação artística total.

Nesse contexto temos que observar sempre, como acontece no processo educativo, onde ao ensinar aprendemos mais do que ensinamos. Nesse processo de pesquisa para a construção do enredo, ideias surgem de como fazer, do desenrolar dos trabalhos, da carnavalização do enredo, e são realizados aprimoramentos a partir das experiências vividas de cada um envolvido no processo de criação e transformação de uma ideia em luxo, alegria e informação.

Jose Walter Silva e Silva e Jason Ferreira Mafra realizaram no ano 2023 um estudo em Salvador, Bahia, com o foco nos blocos do carnaval Baiano. Neste os autores dizem que:

[...] os blocos afro carnavalescos produzem conhecimento a partir das práticas de resistência ao racismo e das reflexões que fazem sobre as mesmas práticas, fundamentalmente criadas e recriadas a partir das vivências psicossociais das pessoas negras e não por grupos exteriores a elas (Silva e Mafra, 2023, p. 4).

O “[...] conjunto dos blocos afrocarnavalescos ancora a sua práxis pedagógica em uma epistemologia circular, organicamente vinculada à (re)criação de sentidos socio-historicamente construídos e percebidos como significativos pela população negra baiana” (Silva e Mafra, 2023, p.4). Nesse breve recorte podemos observar que existe um reconhecimento da população negra da representação que o bloco afro carnavalesco faz na comunidade. Silva e Mafra (2023, p. 5) dizem que com a “[...] implantação de projetos sociais nas comunidades, destacadamente aqueles voltados a produção cultural, a educação, a geração de emprego e renda, bem com a inclusão e ao empoderamento feminino”. Podemos dizer que reforça

[...] a importância dos agentes do carnaval na comunidade, podemos citar Mãe Hilda Jitolu, então líder espiritual do bloco ILÊ AIYÊ no ano de 1988, onde lutou pela criação de uma escola na comunidade, com o projeto político pedagógico voltado às necessidades da comunidade (Silva e Mafra, 2023 p.15).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste trabalho foram pesquisados diferentes artigos, inicialmente para uma construção histórica do carnaval enquanto manifestação cultural e popular, e depois para um levantamento da sua relação com a educação, onde chegamos ao entendimento que existe uma infinidade de fatores que tornam a cultura do carnaval como uma pedagogia que funciona fora dos muros da escola, que influencia pessoas, como uma espécie de grito de liberdade, trazendo em seus enredos histórias de vidas, sobretudo vividas por negros, indígenas e brancos, mas também trazendo as luta das mulheres, do público LGBTQIA+, as relações entre pobres e ricos, a religiosidade em sua multiplicidade de um povo e trazendo reconhecimento as suas causas vividas no seio social. Esta comunidade tem, muitas vezes, seus anseios representados na Avenida (ou seriam Avenidas?), aqui na cidade de Corumbá e por muitos lugares no Brasil, ainda que de diferentes formas.

As grandes escolas do Rio de Janeiro e São Paulo realizam este papel social e educacional levando ao mundo nos seus desfiles luxuosos, com enredos trabalhados, pesquisados e com objetivos de provocar e ensinar que a cultura é uma fonte de informação e de formação. O carnaval expressa uma cultura que evolui a cada ano e transforma a(s) avenida(s) de diferentes estados do Brasil em grades teatros a céu aberto.

Não podemos esquecer dos diferentes relatos nas pesquisas bibliográficas e da própria vivência de um dos autores deste texto sobre o papel social das escolas de samba nas comunidades. As escolas

assumem um papel político perante o poder público e pedagógico diante da comunidade e se tornam também órgãos de representatividade destas comunidades onde estão instaladas, na busca de recursos para melhorias e trabalhos sócio-educativos nos seus territórios, promovendo cultura, conhecimento e gerando criatividade e renda às pessoas que vivem os cotidianos das cidades.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Minha casa o Mundo. **Ideias e Letras**. Aparecida – SP. 2008, p. 164.
- BRITO, Ana Paula Gonçalves. DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago. SILVA, Brunna Alves. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.44, p.1-15/2021
- COSTA, Gustavo Villela Lima da. Governamentalidade e Soberania na Fronteira Brasil-Bolívia: Segurança Nacional e Saúde Pública como Dispositivos de Poder. **Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2013.
- DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. MINAYO, Marcia Cecilia de Souza. **Pesquisa Social, Teorias, Métodos e Criatividade**. Editora Vozes. 28 ed. Petrópolis- RJ.2009.
- DUARTE, Fabiana. LIMA, Patrícia de Moraes. As crianças na escola de samba: o saber-fazer da etnografia em contextos locais de educação. **Revista de Zero-a –Seis**. Florianópolis/ Santa Catarina, dezembro2019.
- GOMES, Fabricio Romani. A história que (quase) ninguém conta: as/os dissidentes do heterosistema na educação básica e nas passarelas do samba. **Revista Periódicus**. Rio Grande do Sul, 2020.
- GONÇALVES, Júlio César. ISQUIERDO, Sérgio Wilton Gomes. Fronteira Brasil, Bolívia e Paraguai no município de Corumbá: uma abordagem sobre as diferentes divisões político administrativas. **Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, Corumbá, MS. 2011.
- MANGABEIRA, Clark. GUIMARÃES, Helenise Monteiro. Aquelas belas vidas que desfilamos: bibliografias, escolas de samba e propostas culturais. **Revista Caminhos da Educação Diálogos, Cultura e Diversidades**. Rio de Janeiro,2022.
- MARTENELLI, Gustavo, MORAES, Miguel Avila ; Livro vermelho da flora do Brasil, tradução Flávia Anderson, Chris Hieatt. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson: **Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2013.
- MORONI, Benedito de Godo. Carnaval Origem, evolução e Presidente Epitácio. **Fundação Biblioteca Nacional**. São Paulo, 2011
- NACHIF, Denise Abrão. ALVES, Gilberto Luiz. O Carnaval em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, 2018.
- "nomo", in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/nomo>.
- OLIVEIRA, Jusiele Conceição Almeida de. SANTOS, Simone de Jesus. Negros saberes em festa: ilê aiyê e olodum e suas transformações. **Revista Extra Prensas Cultura e Comunicação na América Latina**. Salvador-BA, 2020.

PRUDENTE, Celso Luiz. SILVA, Dacirlene Célia, MARTINHO, Neudson Johnson, , Maracatu: uma marca cultural ibero-ásio-afro-ameríndia no carnaval do Nordeste. **Extraprensa Cultura e Comunicação na América Latina**. São Paulo, Jul/dez 2020.

RIBEIRO, Debora, significado de gregário. **Dicionário online de Português**. Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2017.

SILVA, Jose Walter Silva e. MAFRA, Jason Ferreira. Apontamentos sobre a epistemologia circular dos blocos afro carnavalescos de salvador. **Eccos revista científica**. Salvador, 2023.

SILVA, Ana Lucia da. TERUYA, Teresa kazuko. Descolonizando o currículo escolar e o ensino de história. **Revista Odeere, Revista do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**. PPGREC. Paraná, dezembro 2020.

SILVA, Edivaldo dos Santos e; COUGO, Alexandre Cougo de. Diálogos entre educação e carnaval: olhares possíveis. **Trabalho de Conclusão de Curso**, Pedagogia Licenciatura, Campus do Pantanal, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2023.

VESENTINI, Jose Willian, *Sociedade e Espaço. Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: **Ática**, 2006.

VIEIRA, Servas. Bloco Carnavalesco. **Grupos Artísticos**. São Domingos do Prata, 2014.